

Os "inéditos" de Claude Lefort: marcos de uma obra de pensamento

Gilles Bataillon

Sociólogo, especialista da América Latina. Está organizando a publicação dos inéditos de Claude Lefort.

Tradução: Marco Gerard.

Revisão: Adriana Escosteguy Medronho, Felipe Fortes.



Por que publicar os inéditos de Claude Lefort? Que sentido dar a tal trabalho editorial? Estas questões são particularmente relevantes se considerarmos que essas obras inéditas deveriam ter desaparecido. De fato, ao final de sua vida, em 2010, já sabendo que estava condenado a viver pouco tempo por conta de um câncer no pâncreas, Claude Lefort – de quem me tornei amigo íntimo por trinta e cinco anos, além de ser seu sobrinho por casamento –, pediu-me expressamente que queimasse todos os seus manuscritos assim que morresse. Com seu habitual whisky noturno à mão e seu sorriso sarcástico característico, ele apontou para a lareira de sua sala de estar. Naquele momento, eu disse a ele que talvez seus manuscritos merecessem ser examinados, classificados e preservados, como os de Maurice Merleau-Ponty ou os de seu sogro, Marcel Bataillon. Afinal, ele próprio não havia sido o leitor e posteriormente o editor de diversos manuscritos de Merleau-Ponty, como *Le visible et l'invisible*¹, *La prose du monde*² e *L'œil et l'esprit*³, nos anos 1960; e, mais tarde, em meados da década de 1970 e nos anos 2000, de suas notas e aulas no Collège de France⁴? Lefort acabou concordando que eu não destruísse seus manuscritos com a condição de que eu mesmo os classificasse e os inventariasse, e que seus arquivos fossem preservados no Centro de Estudos Sociológicos e Políticos Raymond Aron (CESPRA), do qual ele foi um dos membros fundadores, ao lado de François Furet.

I. Primeiro inventário⁵

No dia seguinte à sua morte, transportei seus manuscritos para o CESPRA e comecei a fazer um primeiro inventário e uma primeira classificação⁶. Encontrei, primeiramente, os dossiês de seus diferentes seminários na EHESS⁷. Esses dossiês não eram aulas mais ou

¹ Gallimard, 1964.

² Gallimard, 1969.

³ Gallimard, 1969.

⁴ Resumo de curso, Collège de France (1952-1960), Gallimard, 1968, "Filosofia e não-filosofia desde Hegel –Notas de curso", (I), Textures, 74/8-9, "Filosofia e não-filosofia desde Hegel –Notas de curso", (II), Textures, 75/10-11, A instituição da passividade. Notas de curso no Collège de France (1954-1955), Belin, 2003.

⁵ Nesta primeira parte, optei por fornecer sistematicamente todas as referências aos textos que Claude Lefort publicou em várias revistas, jornais ou volumes coletivos e que ele nunca republicou em seus volumes de ensaios. Eu me abstive entretanto de citar novamente estas referências ao comentá-las na Parte II deste ensaio, "À leitura dos textos esquecidos e inéditos".

⁶ Conforme combinado com Claude Lefort, essa primeira classificação foi então completada por Élisabeth Dutartre-Michaud e Nicolas Mendousse. Os arquivos de Lefort estão agora armazenados e podem ser consultados no *Grand équipement documentaire* (GED) situado no Campus Condorcet, em Aubervilliers.

⁷ Esses seminários foram os seguintes: "O humanismo florentino, a emergência do Estado moderno e o nascimento da ideologia" (1975-76); "Formação do Estado moderno, poder, corpo político, nação" (1976-

menos redigidas, mas anotações destinadas à preparação de seus seminários. Eram, por vezes, difíceis de ler, pois eram somente um esquema imperfeito sobre o qual Lefort se baseava para desenvolver suas reflexões. Além disso, eram difíceis de decifrar, pois a caligrafia de Lefort era bastante ilegível. É preciso lembrar que Lefort era um orador notável. Ele só proferia uma conferência a partir de um texto redigido em raras ocasiões: quando tinha de falar em inglês, língua que ele lia fluentemente, mas que falava com mais dificuldade, ou em certas ocasiões solenes – como, por exemplo, quando foi convidado a dar a conferência Marc Bloch, em junho de 2010, na EHESS⁸. Seus seminários foram momentos nos quais ele testou as ideias que construía e desenvolvia diante de sua audiência. Havia, ali, incontáveis momentos de um trabalho intelectual que lhe serviram indiscutivelmente como campo de testes para muitos de seus estudos. Sua extraordinária capacidade de desenvolver seu pensamento diante do público pode ser verificada comparando as notas de preparação de seus dois primeiros seminários na EHESS – "O humanismo florentino, a emergência do Estado moderno e o nascimento da ideologia" (1975-1976) e "A formação do Estado moderno: poder, corpo político, nação" (1976-1977) – e as transcrições parciais das gravações desses dois seminários. Suas notas de seminário eram, portanto, das mais sumárias: um plano, algumas grandes ideias, citações de obras em que se baseava. O texto das transcrições das gravações, independentemente das correções das inevitáveis repetições que um discurso improvisado pode conter, mostra, ao contrário, um pensamento argumentado e estruturado que, embora improvisado, possui uma consistência notável.

Seus arquivos também continham um certo número de correspondências, na maioria das vezes diversas e pouco frequentes. Curiosamente, havia cópias de cartas entre Merleau-Ponty e Sartre; cartas de pessoas próximas a quem ele havia enviado algumas de suas obras; outras com Castoriadis; cartas relacionadas ao funcionamento das revistas das quais Lefort havia participado; e uma série muito interessante de cartas relacionadas ao funcionamento do Comitê Salman Rushdie, que Lefort presidiu de 1995 a 1996. Como destacou Beatriz Urias⁹, a primeira a se debruçar sobre essa correspondência, essas cartas

77); "As representações políticas na França do início do século XIX" (1977-78, 1978-79, 1979-1980, 1980-81, 1981-82, 1982-1983); "Hannah Arendt" (1983-84); "A obra de Merleau-Ponty" (1984-85); "O fenômeno da revolução" (1985-86) (1986-87); "As noções de comunidade política, de corrupção, de regime misto" (1987-88); "A obra de Léo Strauss" (1988-89).

⁸ "Fragilidade e fecundidade das democracias: a dissolução dos marcos da certeza", <https://www.canal-u.tv/chaines/ehess/xxxie-conference-marc-bloch-claude-lefort-fragilité-et-fécondité-des-democraties-la>

⁹ Sobre essa correspondência e as atividades do Comitê Salman Rushdie, pode-se consultar o interessante ensaio de Beatriz Urias, "Claude Lefort e o caso Rushdie", *Cadernos de Ética e Filosofia Política*, Vol N.32, 2018; <https://www.revistas.usp.br/cefp/article/view/149431>. Nota-se também o ensaio de Pierre Pachet, que fez parte desse comitê: "Os comitês de defesa, a opinião e os meios de comunicação" em Michel Wieviorka (coordenador), *Razão e convicção: o engajamento*, Textuel, 1998, pp.111-137.

revelam a maneira como Lefort e seus correspondentes podiam expressar tanto sua admiração pelos livros de um colega quanto seus desacordos. Uma carta de Alain Touraine, citada por Beatriz Urias, testemunha essa capacidade de acolher e saudar o trabalho de outro sem reservas. As cartas de Castoriadis, assim como outras endereçadas a Marcel Gauchet, Paul Ricoeur ou Salman Rushdie, são, ao contrário, exemplos do cuidado em expressar desacordos de forma clara e franca, contrastando com os comportamentos dissimulados que muitas vezes prevalecem no meio acadêmico.

Descobri então em seus arquivos, para minha grande surpresa, não apenas manuscritos que Lefort acreditava perdidos, incluindo o de seu diploma sobre Spinoza, redigido e defendido paralelamente à escrita, com Castoriadis, do texto para o 'IIº Congresso Mundial' da Quarta Internacional, *A situação do proletariado e as tarefas dos revolucionários*¹⁰; como também textos que ele deliberadamente omitiu quando, ao longo dos anos, diferentes editores lhe propuseram publicar coletâneas de seus estudos publicados em revistas de todos os tipos, políticas ou científicas, até mesmo em jornais¹¹. Fiquei ainda mais impressionado com a ausência de certos textos, sobretudo porque quando ele, Geneviève Bouffartigue e Claude Mouchard escolheram os que seriam publicados em sua última obra, *Le temps présent. Écrits 1945-2005*¹², acabaram decidindo republicar estudos às vezes muito antigos – quase todos publicados em "Les Temps Modernes" de 1945 ao início dos anos 1950 –, assim como artigos publicados na imprensa diária. Por que alguns textos já publicados foram deixados de lado? *Isso podia parecer óbvio para certos resumos de leituras publicados em Les Temps Modernes ou em Socialisme ou Barbarie*, assim como para alguns textos encomendados, especialmente um texto bastante improvável, *L'équipement électrique de la France*, publicado na *Défense nationale* em maio de 1947. Certamente, *ele havia considerado esses textos como menores ou textos que tivessem envelhecido mal*. Claude Mouchard e Geneviève Bouffartigue talvez nem soubessem da existência deles. Outras exclusões pareciam muito mais surpreendentes e discutíveis. Alguns desses textos deixados de lado comparavam-se amplamente aos publicados em *Le temps présent*. Outra surpresa, ainda maior, foi a de descobrir estudos perfeitamente redigidos, por ocasião de colóquios ou encontros e, no entanto, nunca

¹⁰ O texto foi republicado por Cornélius Castoriadis em Capitalismo moderno e revolução 1. O imperialismo e a guerra, 10-18, UGE, 1979, pp. 119-137, depois em Sobre a dinâmica do capitalismo e outros textos (seguido de) O imperialismo e a guerra, Éditions du Sandre, 2020, pp.676-688.

¹¹ Elementos de uma crítica da burocracia, Droz, 1971, edição revisada, Tel Gallimard 1979; A invenção democrática. Os limites da dominação totalitária, Fayard, 1981; Ensaios sobre o político séculos XIX-XX, Le Seuil, 1986; Escrever à prova do político, Calmann-Lévy, 1992. Os outros dois volumes de ensaios publicados por Claude Lefort, Sobre uma coluna ausente. Escritos sobre Merleau-Ponty, Gallimard, 1978, e As formas da história, Gallimard, 1978, reúnem textos muito mais homogêneos.

¹² Belin, 2007.

publicados. Havia também alguns manuscritos inacabados, assim como documentos mais burocráticos destinados às comissões de recrutamento do CNRS.

Ao catalogar e ler todos esses textos – alguns deixados de lado, outros publicados como prefácios a diferentes livros editados por Claude Lefort, e outros manifestamente omitidos – fiz as seguintes escolhas, que me pareceram evidentes, considerando os desejos de Claude Lefort: inicialmente, era preciso compor o volume de seus prefácios, projeto sugerido a ele em vida por Eric Vigne. Ele recusou esse projeto com o argumento de que "*isso significaria que, uma vez que esse volume de Prefácios fosse publicado... eu não escreveria mais prefácios, o que está fora de questão! Veremos depois da minha morte.*" Agora era a hora de publicar esse conjunto. Esta coleção, apresentada por Claude Mouchard, *Lectures politiques*¹³, foi publicada em 2021, sem incluir todos os prefácios de Lefort¹⁴. Além disso, era necessário preparar outro volume reunindo estudos concluídos, às vezes publicados, mas deixados de lado ou esquecidos, bem como textos inéditos ou inacabados, como alguns textos mais burocráticos, relatórios ou projetos para o CNRS, e, finalmente, seus resumos de ensino na EHESS.

Deixados de lado

Quais são esses textos deixados de lado? Eles são extremamente variados e, para alguns, muito antigos: um retrato do filósofo Georges Politzer, membro do Partido Comunista e resistente fuzilado pelos nazistas, "No martirológio da resistência: Georges Politzer"; estudos sobre as "Constituições na França e no exterior" assim como sobre a planificação, todos publicados na *Dépêches presse populaire* em 1945 e 1946; o editorial do primeiro número da revista trotskista *Jeune Révolution* (JR) (1945); um artigo elogioso dedicado aos *Temps Modernes*; uma crítica severa das posições políticas de Merleau-Ponty, *Double ou triple jeu*, publicada na JR em 1946; estudos encomendados, um para a revista *Défense nationale* (maio de 1947), *L'équipement électrique de la France*, e outro para o *Larousse mensuel* (abril de 1948), *L'UNESCO*. Juntam-se a esses primeiros textos anteriores ao

¹³ Humensis, 2021.

¹⁴ Os textos retomados neste volume são o dedicado por Lefort a La Boétie, "o nome de Um" publicado na edição crítica do Discurso sobre a servidão voluntária, publicada por Miguel Abensour na coleção Crítica da política em 1976, seu prefácio à edição das Memórias de Tocqueville na coleção Folio em 1999; e seus prefácios a diferentes livros publicados na coleção Literatura e política, que ele co-dirigiu com Claude Habib, Claude Mouchard e Pierre Pachet na Belin.

Socialisme ou Barbarie (SB) vários artigos publicados nesta revista, assim como nos *Les Temps Modernes*. São, a um só tempo, resenhas das leituras de *Sociologie du communisme* de Jules Monnerot; *L'Histoire de l'anarchie* de Sergent e Narmel; *L'esprit du syndicalisme* de Michel Collinet; e *Juin 36* de Danos e Gibelin; um retrato de um membro do grupo *Socialisme ou Barbarie*, amigo próximo de Lefort, *Pascal* (SB nº 9, 1956); notas sobre a situação polonesa, *La situation de Pologne* (SB nº 22, 1957) ou sobre a guerra da Argélia, *Proletariat français et nationalisme algérien* (SB nº 24, 1958); um comentário de um artigo de Edgar Morin (*Arguments* nº 4, 1957), onde este comenta as teses do *Socialisme ou Barbarie*; um texto escrito e publicado durante sua estadia como professor no Brasil (1953-1954), *L'anti-festival*; e uma comunicação no terceiro congresso mundial de sociologia em Amsterdã, *Dynamique et structure de classe* (1956)¹⁵.

Também encontramos artigos datando dos anos 1960, que atestam o crescente interesse de Lefort por Maquiavel, pela sociologia, e o seu distanciamento em relação ao marxismo: uma resenha do grande livro de Léo Strauss sobre Maquiavel, *Machiavel jugé par la tradition classique* (1960)¹⁶; uma reflexão sobre a autogestão, *Démocratie réelle et représentation* (1963)¹⁷; cerca de vinte artigos publicados na *Encyclopaedia Universalis* (1968), que tratam de temas sociológicos, incluindo um artigo sobre como o pensamento sociológico se tornou uma espécie de lugar-comum, *Sociologie. Examen*; e sobre figuras da sociologia e antropologia, como o primeiro presidente da república argelina, Abbas Ferhat¹⁸. A estes textos soma-se o folheto do *Cercle Saint-Just* de 1961, que é a transcrição de uma mesa-redonda sobre *L'actualité de la révolution algérienne*, na qual Lefort participa com vários outros membros do círculo e convidados, como Pierre Bourdieu e Pierre Nora¹⁹.

¹⁵ *Actes du 3º Congrès mondial de sociologie*, Amsterdam, 1956.

¹⁶ *Archives européennes de sociologie*, I-1, 1960, pp.159-169.

¹⁷ In « Les travailleurs peuvent-ils gérer l'économie », *Les cahiers du Centre d'études socialistes*, février 1963, pp.22-27.

¹⁸ « Abbas Ferhat, ‘Abbàs Farhàt (1899-1985) » ; « Barbarie état de » ; « Debs Eugène (1855-1926) » ; « Gentry » ; « Grosplan » ; « J3 » ; « Klemm Gustav Friedrich (1802-1867) » ; « Lasswell Harold Dwight (1902-1978) » ; « Lumpenprolétariat » ; « Maine sir Henry James Sumner (1822-1888) » ; « Mayo Elton (1880-1949) » ; « Mc Lennan John Ferguson (1822-1888) » ; « Paysanne Révolution » ; « Personnalité Culte de la » ; « Sauvages & sauvagerie » ; « Sociologie : examen » ; « Squatter & Settler » ; « Steward Julian H. (1902-1972) » ; « Thurnwald Richard (1869-1954) » ; « Vaillant Édouard (1840-1915) » et « Znaniecki Florian Witold (1882-1958) ».

¹⁹ A transcrição on-line dessa mesa redonda e uma breve apresentação do Cercle Saint-Just estão disponíveis no blog de Claude Bataillon: <https://alger-mexico-tunis.fr/?tag=cercle-saint-just>.

Finalmente, temos os textos publicados das décadas de 1970 a 2000, que são marcos para acompanhar o desenvolvimento de seu pensamento sobre assuntos que serão seus temas privilegiados de reflexão ao longo dessas quatro décadas: um artigo sobre o papel dos intelectuais, *Les intellectuels et le monde moderne* (1970)²⁰; um retrato de Pierre Clastres para a *Encyclopaedia Universalis* (1977); uma nota sobre *Les Français et l'holocauste* para a revista *Kontinent Skandinavia* (1979); um prefácio aos *Discours sur la première décade de Tite-Live* de Maquiavel (1980)²¹; um debate com Gérard Chaliand, *Du militaire, du stratégique et du politique* (1981)²²; uma nota para a revista da CFDT, *Sur la nature des pays de l'Est*²³ que se soma a reflexões sobre o papel dos intelectuais em relação à Solidarność durante um debate com Alexander Smolar²⁴; longas reflexões sobre *O mito do um no fantasma e na realidade política* por ocasião de um debate com François Roustang (1983), publicado na *Psychanalystes*²⁵; notas sobre a poesia de Pierre Leroux (1980)²⁶ e sobre a de Claude Mouchard (1986)²⁷; quatro estudos sobre a democracia, *De la démocratie*, publicado no número 7 da revista *Traces* (1983), *démocratie*, publicado em uma coletânea de Marc Ferro, *50 idées qui ébranlèrent le monde* (1989)²⁸, uma nota *Qu'en est-il de l'individu* (1989) para a revista da CFDT²⁹, uma *Discussion sur Hannah Arendt* com Alain Finkielkraut e Robert Legros³⁰; diferentes ensaios publicados em 1994, um sobre Michaux, *Passages*³¹, outro sobre a questão da crença e descrença, *Le XX^o siècle: la croyance et l'incroyance*³², e um último sobre a nação e o império, *La nation élue et le rêve*

²⁰ "Os intelectuais no mundo moderno e o político" in *Truth against the power*, sob a direção de Polak, Van Gennep, Amsterdã, 1970; estudo retomado em *Qué es la burocracia? y otros ensayos*, Ruedo Iberico, Paris, 1970.

²¹ Nicolas Maquiavel, Discurso sobre a primeira década de Tito Lívio, Berger-Levrault, 1980, reeditado por Flammarion na coleção Champs em 1985, depois pelas Belles Lettres em 2021.

²² *Esprit*, abril de 1981, pp.25-41.

²³ CFDT Hoje, maio-junho de 1982, pp.13-22.

²⁴ "Questões a Alexander Smolar", Colóquio polonês, Solidariedade resiste e assina, Nouvelle Cité, Paris, 1984, pp.152-156.

²⁵. Psicanalistas. O mito do um no fantasma e na realidade política. Revista do Colégio de Psicanalistas, nº9, outubro de 1983.

²⁶ "Um poema filosófico (sobre Pierre Leroux)", *Le Monde*, 11 de julho de 1980.

²⁷ "Falar daqui: os poemas de Claude Mouchard", *Esprit*, outubro de 1986, pp.103-105.

²⁸ Deve-se acrescentar a esses textos o curso que Claude Lefort ministrou na Universidade de Caen em 1966-67, texto redigido por Marcel Gauchet a partir das notas que ele tomou durante o curso e que foi publicado sob suas duas assinaturas no nº2/3 da revista *Textures* em 1971, "Sobre a democracia: o político e a instituição do social", pp.7-78.

²⁹ CFDT Hoje, dezembro de 1989, pp.58-61.

³⁰ Publicado em *Misturas oferecidas a Jean Paumen*, Bruxelas, Ousia, 1989, pp.259-284.

³¹ *Poësie*, nº68, 1994, pp. 109-117.

³² *Esprit*, novembro 2010, pp.9-13.

*de l'empire universel*³³; uma conferência proferida em 1983 na Assembleia Legislativa do Estado do Rio Grande do Sul, *Os direitos do homem e a política*, e uma introdução a um livro sobre os direitos humanos no pensamento político brasileiro (1996)³⁴, que complementa suas primeiras reflexões sobre o tema *Droits de l'homme et politique*³⁵ e *Droits de l'homme et État providence*³⁶; uma coluna publicada no *Le Monde*³⁷ em 2002 sobre a política de combate ao terrorismo do governo Sharon; uma breve homenagem à filósofa brasileira Marilena de Souza Chaui, por ocasião da concessão de seu título de doutora *honoris causa* pela Universidade de Paris 8³⁸; uma carta aberta a Pierre Pachet, *Lettre familiale. La conscience et le rêve*³⁹; um ensaio sobre a barbárie, *La barbarie aujourd'hui: mythe et réalité*⁴⁰; e, por fim, sua conferência Marc Bloch, realizada em 9 de junho de 2010 na EHESS, *Fragilité et fécondité des démocraties: la dissolution des repères de la certitude*⁴¹. Seria preciso acrescentar a esses textos toda uma série de entrevistas com a imprensa brasileira realizadas no final dos anos 1970 e anos 1980, e principalmente nos anos 2000, quando Claude Lefort foi regularmente convidado ao Brasil, tanto pela Universidade de São Paulo quanto pela fundação *Artepensamento*, dirigida por Adauto Novaes. Nessas entrevistas com a imprensa, ele comenta a política brasileira, que ele acompanhava com paixão desde sua estada no Brasil nos anos 1950, especialmente porque durante esses anos conheceu Fernando Henrique Cardoso e, nos anos 1980, intelectuais próximos ao Partido dos Trabalhadores.

Juntam-se a esses textos diferentes prefácios ou posfácios de edições ou reedições de certas obras de Merleau-Ponty, *Le visible et l'invisible*⁴², *L'œil et l'esprit*⁴³, *Résumés de cours: Collège de France 1952-1960*⁴⁴, *La prose du monde*⁴⁵ e *Humanisme et terreur*⁴⁶, curiosamente ausentes de diferentes volumes de ensaios; outros textos mais breves sobre

³³ Em: *L'Idée d'humanité. Données et Débats, actes du xxxiv^e Colloque des intellectuels juifs de la langue française*, ed. by Jean Halperin and Georges Lévitte (Paris: Albin Michel, 1995), pp. 97–112.

³⁴ Esse texto foi posteriormente publicado na França: "Os direitos humanos e o pensamento político de esquerda no Brasil", *Problemas da América Latina*, n°98, pp.11-20, 2015.

³⁵ Em *L'invention démocratique. Les limites de la domination totalitaire*, Fayard, 1981.

³⁶ Em *Essais sur le politique XIX^o-XX^o siècles*, Le Seuil, 1986.

³⁷ *Le Monde*, 17 abril 2002.

³⁸ *Marilena de Souza Chaui Doctoris Honoris Causa*, Université de Paris 8, 20 Juin 2003.

³⁹ *Critique*, n°702, pp.858-869.

⁴⁰ *La barbarie aujourd'hui, mythe et réalité*, Editions Cécile Défaut, Nantes, pp.858-869.

⁴¹ <https://www.canal-u.tv/chaines/eheess/xxxie-conference-marc-bloch-claude-lefort-fragilité-et-fécondité-des-démocraties-la>

⁴² Gallimard, 1964.

⁴³ Gallimard, 1964.

⁴⁴ Gallimard, 1968.

⁴⁵ Gallimard, 1969.

⁴⁶ Gallimard, 1980.

Merleau-Ponty; introduções a traduções de suas próprias obras, nomeadamente à edição japonesa de *Un homme en trop* (1991) ou de diferentes ensaios tirados de *L'invention démocratique* e de *Essais sur le politique* em albanês (1999). Também devemos mencionar diferentes entrevistas, especialmente em revistas espanholas, com Esteban Molina, uma sobre Castoriadis e outra mais detalhada sobre Maquiavel, publicada como anexo à tradução espanhola de seu grande livro sobre o pensador florentino publicado em 2010, e uma última com Pierre Rosanvallon, publicada na *Esprit* após sua morte⁴⁷. Juntam-se a esses textos os resumos de seminários publicados nos anuários dos seminários da EHESS⁴⁸.

Inéditos

Havia também um conjunto de cerca de trinta textos absolutamente inéditos – alguns perfeitamente redigidos e prontos para publicação, outros inacabados; transcrições de cursos e seminários; e, finalmente, relatórios destinados ao CNRS. Dois desses inéditos eram muito antigos. O primeiro, *Morale et révolution: Saint Just*, destinado ao nº XI dos *Temps Modernes* de 1946, testemunha seu interesse precoce pela revolução francesa e o início de sua leitura do terror como ressurreição do Antigo Regime revolucionário, que se afirmará em sua interpretação de Quinet nos anos 1980⁴⁹. Ele aponta aqui também o ridículo e o moralismo estreito de muitos dos apelos de Saint-Just à virtude. O segundo, *La logique du superflu*, um pequeno ensaio sobre a moda, a ser publicado no mesmo ano na *Signes*, revela também seu interesse por questões sociológicas que serão amplamente debatidas posteriormente. A esses textos somam-se dois outros da mesma linha, *Le bonheur social* e *Sociologie*, redigidos em 1952. Seguem-se duas longas resenhas redigidas no início dos anos 1950, uma sobre *Combats pour l'histoire*⁵⁰ de Lucien Febvre e outra sobre *Déterminismes sociaux et liberté humaine*⁵¹ de Georges Gurvitch. O primeiro desses artigos inicia uma reflexão sobre a história que se afirmará plenamente em um artigo

⁴⁷ "A prova do político (diálogo com Pierre Rosanvallon)", *Esprit*, dezembro de 2011, pp.17-31.

⁴⁸ Suas resenhas estão disponíveis nos diferentes Anuários dos seminários publicados entre 1977 e 1989, com exceção dos volumes 1980-1981 e 1981-1982, onde suas duas resenhas não aparecem.

⁴⁹ Naturalmente, referimo-nos ao seu prefácio ao livro de Edgar Quinet, *A revolução*, que ele republicou em 1987 na coleção, *Literatura e política*, que ele co-dirigiu com Claude Habib, Claude Mouchard e Pierre Pachet.

⁵⁰ Armand Colin, 1952

⁵¹ Paris, P.U.F., 1955.

publicado em 1952 no *Socialisme ou Barbarie, L'expérience prolétarienne*⁵². O segundo é uma crítica metódica das modalidades de raciocínio de Gurvitch, de quem Lefort foi assistente na Sorbonne (1954-1956). Isso provocou a fúria de Gurvitch, que encerrou as funções de Lefort. Mas, graças a Braudel e Aron, Lefort obteve um cargo de pesquisador associado e depois de pesquisador no CNRS, para continuar as pesquisas relacionadas às suas teses de doutorado⁵³.

Vários estudos redigidos de 1955 a 1971, bem como a cópia de um curso ministrado na Sorbonne em 1964-1965, devem ser lidos à luz dos temas das teses que Lefort apresentou em 1952, *Historicidade e realidade social* e *Ideologia e estrutura social*, que ele reformulou ao retornar do Brasil. Ele explicou longamente em um relatório ao CNRS de 1956-1957 por que havia decidido unificar esses dois primeiros temas sob um único título, *Historicidade e realidade social*, e como ele conseguiu apresentar outro projeto de tese ao mesmo tempo, *Maquiavel e o maquiavelismo: ensaio de interpretação sociológica*⁵⁴. Uma primeira série de textos trata do marxismo e da filosofia da história: dois manuscritos sobre Hegel e Marx, que podem ser datados de 1958, *A revolução como categoria histórica* e outro sem título; o texto de um curso ministrado na Sorbonne em 1964-1965, *Realidade social e história; O conceito de socialização da sociedade*, provavelmente redigido em 1971; uma conferência dada no seminário de Piera Aulanier em Sainte-Anne, também em 1971, *Marx e a ilusão da política*; e um último texto não datado sobre *Marx e a divisão estrutura e realidade*. Entrelaçam-se com essa primeira série de inéditos outros sobre Maquiavel: *Sobre Maquiavel*, uma conferência dada no Cercle Saint-Just em 1960, onde Lefort explica por que e como se interessou pelo pensador florentino; outra, *Maquiavel e a lei*, dada diante do mesmo público em 1966; *O fenômeno Maquiavel*, um prefácio abandonado à sua grande obra sobre o pensador florentino; e outro texto sem título sobre a questão dos "fatos de linguagem". Intercalados a esses textos ligados a seus temas de tese, há outros ligados à paixão de Lefort pelas formas concretas do político: um discurso aos estudantes de Caen em 1968, *Aos estudantes*; dois textos substanciais sobre questões educacionais, *Autoridade e saber na organização universitária*, redigido em 1970 para um estágio de *Sociologia das organizações*, e *A demanda por educação e a atitude da sociedade em relação ao conhecimento*, datado da mesma época. Esses são dois ensaios em que Lefort examina tanto a expansão do ensino quanto os novos conflitos que surgem, tanto em sua organização burocrática quanto nas relações entre mestres e alunos e na pedagogia.

⁵² *Socialisme ou Barbarie* n° 11, 1952, repris in *Éléments d'une critique de la bureaucratie* (1971), Gallimard, 1979.

⁵³ Na época, os acadêmicos eram obrigados a apresentar dois temas de tese, um principal e um complementar, para obter o doutorado ("doctorat d'État").

⁵⁴ « Rapport sur l'état de nos travaux (1956-1957) ».

Enfim, tem-se seis textos redigidos entre o final dos anos 1970 e os anos 1990 sobre os temas mais variados. Dois foram redigidos para seminários universitários sobre o político: *O problema do político* (1975), que testemunha sua participação nas atividades do Instituto de Estudos Políticos criado por Miguel Abensour na Faculdade de Direito de Reims; *Introdução a uma discussão sobre o político durante as jornadas de Montrouge* do Centro de Estudos Transdisciplinares. Sociologia, Antropologia, Política (CETSAP) (1987), o primeiro centro de pesquisa da EHESS ao qual ele pertenceu de 1976 a 1987 e do qual foi, por um tempo, diretor. Um texto intitulado *Amnesty International* é a transcrição de uma conferência proferida nos anos 1980, após o convite da seção de Bruxelas dessa organização, *A ideia de revolução*, redigido em 1985, é uma introdução a um projeto de volume coletivo que nunca se concretizou, no qual participariam tanto especialistas em humanismo cívico quanto em revoluções inglesa, americana e francesa, ou historiadores e sociólogos dos mundos russo, chinês e latino-americano. Dois textos dos anos 1980 são estudos substanciais que não possuem título ou indicação do propósito para o qual foram escritos. O primeiro trata da questão da opinião e da autoridade. Lefort examina as relações entre essas formas de crença e a relação do indivíduo com o mundo, partindo das distinções platônicas e confrontando-as com as reflexões de Tocqueville e de outros escritores e filósofos do século XIX, bem como com as de La Boétie. O segundo, cujas últimas páginas estão claramente perdidas, explora longamente a questão da "complicação", sem abordar diretamente os temas centrais de seu livro *A complicação. Revisitando o comunismo/Reexaminando o comunismo*. Lefort interroga o significado dessa palavra a partir dos mesmos autores que ele interpreta em seu ensaio sobre opinião e autoridade.

Devemos acrescentar a esses textos as anotações manuscritas sobre sua infância, feitas no final de sua vida. Lembremos que Claude Lefort e seu irmão Bernard Lefort eram filhos naturais de Rosette Cohen e Charles Flandin, um médico da burguesia parisiense. Eles só passaram a usar o nome Lefort graças à intervenção de duas amigas judias austríacas exiladas em Paris. Em 1942, elas convenceram um comerciante de tintas solteiro e sem filhos, residente do sexto distrito parisiense, Sr. Lefort, a reconhecer à Claude e à Bernard, para que, ao portar seu nome, escapassem mais facilmente das perseguições antisemitas. Lefort conta em suas notas como descobriu que Charles Flandin, que visitava sua mãe quase diariamente, era seu pai; em seguida, a experiência do êxodo em 1939; e o retorno a Paris⁵⁵.

⁵⁵ Tendo registrado suas conversas com Claude Lefort, onde este mencionava esses momentos, Pierre Pachet formatou as falas de Lefort e as publicou na *La Quinzaine Littéraire* logo após a morte de Claude

Há, enfim, três textos redigidos em inglês para conferências nos Estados Unidos e na Coreia. Os dois primeiros, *Modern Democracy and Political Philosophy* e *Human Rights in the Age of Relativism*, foram redigidos diretamente em inglês e apresentados a públicos nova-iorquinos nos anos 1980; o último é o texto de uma conferência dada na Coreia em 1999, *Democracy and Liberalism*. *Modern Democracy and Political Philosophy* começa com uma longa discussão das teses de Léo Strauss em *Droit naturel et histoire*⁵⁶ e *Sedução da crítica platônica de democracia*. Segue-se um exame crítico das teses de Hannah Arendt sobre a democracia moderna; e ele conclui com um longo comentário das teses de Tocqueville em *A Democracia na América*. Menos completo, *Human Rights in the Age of Relativism* é ao mesmo tempo uma reflexão sobre a justiça e os direitos humanos, e uma longa discussão das críticas de Burke aos direitos humanos. *Democracy and Liberalism* retoma muitos temas já desenvolvidos em um estudo anterior, *Liberalismo e Democracia*, redigido para uma conferência em Amsterdã em 1994⁵⁷.

Juntam-se a esses textos outros mais burocráticos, que são seus relatórios de atividades no CNRS nos anos de 1956-1957, 1958, 1961-1962, 1963-1964, 1973 e 1974-1975. Estes, tendo às vezes mais de dez páginas, são apresentações dos trabalhos realizados e de seus projetos futuros que nos permitem acompanhar como Lefort pensou e concebeu seu trabalho intelectual.

II. A leitura dos textos esquecidos e inéditos

Esses múltiplos textos – os primeiros escritos em 1945 e o último em 2009 –, convidam a lançar um novo olhar sobre a obra de Claude Lefort. Eles permitem esboçar continuidades para além das inflexões e mudanças em suas problemáticas – mudanças que ele sempre assumiu, especialmente em relação ao marxismo. Os comentadores da obra de Lefort destacam com razão suas evoluções e distinguem três momentos dessa. Lefort teria desenvolvido suas primeiras reflexões no âmbito de uma problemática marxista, ponto de vista do qual se libertou nos anos 1960. Em seguida, viria um período maquiaveliano,

Lefort, "Traços de Claude Cohen", *La Quinzaine Littéraire*, nº 1091 de 16/9/2013, p. 18-19; nº 1092 de 1/11/2013, p. 20-21; nº 1093 de 16/11/2013, p. 18-19.

⁵⁶ *Natural Right and History* (1953), *Droit naturel et Histoire*, Plon, traduction de Monique Nathan et Éric de Dampierre, 1969

⁵⁷ *Le Temps présent*, op. cité, pp.745-759.

onde, embora se emancipando do marxismo, não teria abandonado, se não a ideia revolucionária, pelo menos um projeto de ruptura com o capitalismo. Finalmente, viria um período tocqueviliano, onde a descoberta da temática dos direitos humanos o teria levado a uma ruptura clara com toda ideia revolucionária. Essa ruptura teria como consequência uma certa aceitação da ordem estabelecida, ou seja, do caráter oligárquico das democracias e das formas neoliberais do capitalismo. Duas intervenções de Lefort no debate público apoiariam essa tese. *Era preciso parar o FIS*⁵⁸, onde ele se recusou a condenar o golpe de Estado dos militares argelinos em janeiro de 1992, ressaltando que "nenhum cuidado com a legalidade formal deveria impedir de barrar o caminho a um inimigo pronto para destruir nossos valores fundamentais", ou seja, os valores democráticos. "Os dogmas acabaram". "A greve em 1995"⁵⁹, onde ele defendeu "a inteligência e a coragem" de Nicole Notat "de responder simultaneamente sim e não ao governo (Juppé)"⁶⁰.

Expliquei em outro lugar⁶¹ como pensar que Lefort tenha demonstrado uma aceitação tácita da virada neoliberal que as democracias ocidentais experimentaram a partir dos anos 1990 só podia ser feito ao contrário de uma leitura um tanto ou quanto rigorosa de seus numerosos textos sobre o assunto. Na verdade, esses textos fornecem uma série de argumentos críticos contra tais problemáticas. O que me importa ressaltar aqui é como, além de seu abandono do marxismo e do projeto de uma ruptura revolucionária com a ordem capitalista, Lefort, desde seus primeiros escritos até o último – sua conferência Marc Bloch – foi sensível a certas temáticas que são fios condutores que atravessam toda sua obra. Gostaria de mencionar brevemente algumas delas que merecem ser mais desenvolvidas.

A paixão pelo político

⁵⁸ *Le temps présent*, op cité, pp.679-681

⁵⁹ *Le temps présent*, op cité, pp.825-831

⁶⁰ Essa interpretação é defendida por Hughes Poltier, "A questão do político no pensamento do político de Claude Lefort", in Cornélius Castoriadis e Claude Lefort: a experiência democrática, (sob a direção de) Nicolas Poirier, Le bord de l'eau, 2015, pp.83-94.

⁶¹ « Claude Lefort, penseur du Politique », *Avec Lefort, après Lefort*, Sylvain Pasquier (dir.), Caen, PUC, 2023, pp.37-48.

A primeira é aquela que Hugues Poltier chamou corretamente de sua "paixão pelo político", que sustenta toda a sua obra⁶². Essa paixão foi dupla. Foi a paixão pelos eventos, fatos políticos e sociais em suas complexidades muitas vezes perturbadoras, o que Maquiavel chamava de *la verità effettuale*. Foi também a paixão por autores preocupados em pensar, aceitando dar lugar à incerteza, autores que ele examinava com a mesma liberdade. O que é necessário captar é como esses inéditos, em sua grande variedade, mostram uma constante inter-relação entre essas duas paixões pelos fatos e por seus intérpretes. Lefort se recusava tanto à pura empiria quanto ao fascínio pela grande teoria. Ele examinava os fatos sociopolíticos sem nunca separar suas descrições de uma interrogação filosófica sobre seus significados, uma abordagem que torna sua leitura muitas vezes desconcertante e, portanto, difícil. A revolução russa é, indiscutivelmente, o primeiro objeto de suas reflexões, tanto os fatos sócio-históricos quanto seus intérpretes-atores. E ele nunca deixou de examinar a história da URSS e das democracias populares, não apenas na época do comunismo, mas também após seu colapso. Evidentemente, a situação francesa também o fascinava; ele comentava passo a passo os diferentes momentos da política francesa: o poujadismo, a ascensão do gaullismo, os erros da esquerda, o movimento contra a reforma das aposentadorias de 1995, os dogmas neoliberais. Mas sua paixão pela política foi muito além da França e do mundo comunista. Prova disso é o texto redigido com Cornélius Castoriadis em 1948, que marca sua ruptura com a Quarta Internacional e trata da situação mundial⁶³; assim como todos os textos nunca republicados de *Socialisme ou Barbarie* sobre a guerra da Argélia; o folheto *Cercle Saint-Just*; o artigo sobre Ferhat Abbas, o primeiro presidente da Argélia independente; a breve entrevista sobre o golpe dos militares contra o FIS, concedida ao *Nouvel Observateur* em 1992, *Era preciso parar o FIS*⁶⁴, ou ainda as alusões às mobilizações recorrentes dos argelinos pela democracia nas conferências nova-iorquinas. É preciso mencionar também o interesse nunca desmentido de Lefort pelo Brasil e, de forma mais geral, pela América Latina. Notemos, finalmente, tanto o artigo para *Kontinent*, *Os franceses e o holocausto* (1979), quanto aquele no *Le Monde* sobre a política de Ariel Sharon (2002), ambos a serem lidos à luz daquele ditado pela atenção à guerra dos seis dias, *grande saber e lições pobres*, publicado no *Combat* em julho de 1967⁶⁵. Esses são escritos que testemunham o interesse nunca desmentido de Lefort pela situação do Estado de Israel. Acrescenta-se a isso uma atenção contínua à questão da guerra, como atestam,

⁶² *Passion du politique. La pensée de Claude Lefort*, Genève, Labor et Fides, 1998.

⁶³ « La situation du prolétariat et les tâches des révolutionnaires », in Castoriadis, *Capitalisme moderne et révolution 1. L'impérialisme et la guerre*, 10-18 UGE, 1979, pp.121-137 ; repris in *Sur la Dynamique de la guerre et autres textes suivis de L'impérialisme et la guerre*, Éditions du Sandre, 2020, pp.676-688.

⁶⁴ *Le temps présent*, op cité, pp.679-681.

⁶⁵ *Le temps présent*, op cité, pp.197-202.

é claro, algumas de suas páginas sobre Maquiavel, mas também seu comentário sobre Clausewitz de Aron para as *Annales* (1977)⁶⁶, sua entrevista com Gérard Chaliand, *Do militar, do estratégico e do político* (1981), ou ainda um de seus últimos escritos, *Direito internacional e direitos humanos*⁶⁷.

Essa paixão pela política está inextricavelmente ligada a um gosto pela leitura daqueles que a interpretam, autores que ele comenta sem nunca considerar tê-los esgotado completamente. Possivelmente, ao longo dos anos, aparecem novas figuras que foram descobertas em suas leituras. Seus primeiros ensaios comentam sobre Trotsky, Marx, Mauss e Merleau-Ponty, assim como outros escritores políticos, como Kravtchenko ou Ciliga; ou antropólogos anglo-saxões, como Bateson, Sapir, Hocart e Evans-Pritchard. Os anos 1960-1970 serão marcados pelo seu apego duradouro à obra de Maquiavel e dos humanistas cívicos, depois à de Soljenitsine e de La Boétie. O final dos anos 1970 e as décadas seguintes foram dedicados aos trabalhos sobre o que ele chamou de "historiadores filósofos", principalmente a trilogia formada por Tocqueville, Michelet e Quinet. Nem por isso, nenhum autor se tornou um ponto de referência exclusivo, mesmo que Maquiavel e Merleau-Ponty tenham sido pontos nodais para suas interrogações sobre o político. Seu último livro, *A complicação*, testemunha essa permanência das questões na origem de seu percurso intelectual. Mauss convive lado a lado com Trotsky, Marx, Merleau-Ponty, La Boétie e Maquiavel. Ele fez o mesmo durante a sua conferência Marc Bloch, evocando "os fatos de linguagem" como um eco de um texto – começando por essas palavras – nunca publicado, redigido nos anos 1970. Última prova disso é seu prefácio aos *Discours sur la première décade* de 1980 e suas longas entrevistas com Esteban Molina sobre Castoriadis e Maquiavel.

Há um último sinal dessa paixão duradoura pelo político que raramente é comentado e que merece ser destacado. Lefort foi indiscutivelmente um acadêmico ao longo de toda sua vida. Ele se declarou professor e filósofo em um longo texto onde refletiu sobre seu status de filósofo⁶⁸. Ele cumpriu todos os rituais da profissão. Prova disso é o cuidado com a preparação de sua tese de Estado sobre Maquiavel, que o mobilizou por muitos anos. *Ele também se sacrificou para este exercício bastante comum que são as homenagens universitárias.* Participou de homenagens a Raymond Aron, Pierre Clastres, Louis

⁶⁶ *Le temps présent*, op cité, pp.321-340.

⁶⁷ *Le temps présent*, op cité, pp.1019-1037.

⁶⁸ « Philosophe ? », *Poësie*, n°37, 1986, repris in *Écrire*, op.cité, pp.337-355.

Dumont e Marilena Chaui. Também aceitou o exercício ainda mais convencional de receber títulos de doutor *honoris causa* de várias universidades, como uma homenagem organizada por Claude Habib e Claude Mouchard⁶⁹. Cumpre-se notar entretanto que seus primeiros ensaios foram publicados em revistas políticas: *Dépêches presse populaire*, *Jeune Révolution*, *Les Temps Modernes* e *Socialisme ou Barbarie*. Foi somente a partir de 1952 que ele começou a publicar também em revistas acadêmicas, como os *Cahiers internationaux de sociologie*⁷⁰. É importante destacar que o tom desta era muito mais livre dos anos 1950 até o final dos anos 1980, do que o que hoje prevalece na maioria das revistas acadêmicas. Da mesma forma, Lefort sempre teve afinidade com essa forma peculiar de escrita das revistas controladas por grupos de pares que trabalham à margem do mundo acadêmico. Ele foi um dos poucos organizadores de inúmeras revistas: *Socialisme ou Barbarie* e *Informations et liaisons ouvrières* (ILO), em primeiro lugar, *Textures*, *Libre e, finalmente, Passé-Présent e Le temps de la réflexion*. Ele também escreveu em outras revistas francesas, como *Arguments*, *La Quinzaine littéraire*, *Esprit* e outras no exterior, como a de seu amigo norueguês Tore Stubberud, *Kontinent Skandinavia*, a de Octavio Paz, *Vuelta*, e, finalmente, na coleção de antologias *Artepensamento* no Brasil. O tom dos escritos de Lefort era de endereçamento ao grande público, não ao pequeno grupo de especialistas acadêmicos, mesmo em seu "Maquiavel", destinado, é claro, a eruditos, mas não confinado a uma especialidade acadêmica. Ele não compartilhava a ideia de que apenas uma elite intelectual pudesse acessar certas verdades; ao contrário, ele sempre esteve atento à maneira como os intelectuais, mas não apenas eles, optavam pela cegueira voluntária e manifestavam o desejo de acreditar, em vez de pensar. Ou seja, ele se preocupou em apelar à opinião e convocar ao debate. Ele incentivava a estabelecer distinções entre verdadeiro e falso, justo e injusto. Ele incitava todos a julgar. Nunca procurou construir uma teoria cumulativa. E, embora tenha se dirigido a públicos acadêmicos – o público estudantil era tão querido quanto o de seus pares –, ele também se preocupava em se dirigir à opinião pública e ao grande público, como mostram seus textos publicados na imprensa.

*Merleau-Ponty e Maquiavel*⁷⁰

⁶⁹ *La démocratie à l'œuvre*, Éditions Esprit, 1993.

⁷⁰ Você verá sobre esse lugar de Merleau-Ponty e Maquiavel na obra de Lefort os longos desenvolvimentos de Bernard Flynn, A Filosofia de Claude Lefort. Interpretando o Político, Northwestern University Press, 2005, os de Serge Audier e Nicolas Poirier em suas respectivas contribuições a Cornélius Castoriadis e Claude Lefort: a experiência democrática, op. cit., e seus livros Audier, Maquiavel, Conflito e liberdade, Vrin, 2005, Poirier, Introdução a Claude Lefort, La découverte, 2020 e o livro recente de Mattia Di Pierro, Claude Lefort e a fenomenologia do político, Edizioni ETS, 2020.

A presença de Merleau-Ponty é palpável na obra de Lefort. Ele editou e prefaciou a maioria dos inéditos de Merleau-Ponty, dedicou inúmeros ensaios e ensinamentos a ele, tanto em Caen quanto em um de seus seminários na EHESS (1984-1985). Ele o interpretou até seus últimos momentos. De fato, poucos meses antes de sua morte, *ele relia e anotava Merleau-Ponty para redigir uma introdução ao volume de seus escritos planejado para a coleção Quarto da Gallimard*. Maquiavel é a outra figura com quem Lefort manteve um diálogo permanente que vai além de seu *Maquiavel. O trabalho da obra*. Os numerosos textos inéditos sobre Maquiavel, bem como seus relatórios para o CNRS, testemunham um encontro muito precoce com este pensador, já em seus anos no Brasil (1953-1954), quando Lefort estava prestes a completar trinta anos. Um relatório do CNRS de 1956-58 indica que ele trabalhou detidamente sobre o pensador florentino durante sua estadia na Universidade de São Paulo, onde ministrou uma série de ensinamentos sobre Maquiavel. Sabe-se também, por conversas que tive com Lefort, que inicialmente, durante sua estadia no Brasil, ele teve uma interpretação "realista" do pensador florentino, um pouco ao estilo de James Burnham em *Os Maquiavelianos*⁷¹. Esta interpretação lhe pareceu perfeitamente discutível ao retornar à França. Ao ler tanto seus relatórios ao CNRS quanto sua primeira conferência sobre Maquiavel no *Cercle Saint-Just* em 1960, só se pode detectar a sombra do pensador florentino em textos publicados de 1955 a 1960, onde, no entanto, seu nome nunca foi explicitamente citado. De fato, Lefort nunca mencionou o nome de Maquiavel antes de seu artigo para os *Cahiers internationaux de sociologie* de 1960, *Reflexões sociológicas sobre Maquiavel e Marx: a política e o real*⁷², e sua nota sobre *Thoughts on Machiavelli* de Léo Strauss, publicada no mesmo ano⁷³. Levando a sério essa hipótese, lemos provavelmente de maneira diferente seus ensaios sobre a conjuntura política francesa, aqueles sobre o poujadismo e o gaullismo, bem como aqueles sobre a Hungria, a Polônia ou a Argélia, e até mesmo aquele sobre a URSS, todos publicados de 1955 a 1960. Da mesma forma, se Lefort não faz novas referências explícitas a Maquiavel antes de seu texto sobre os eventos de 1968, publicado em *La Brèche*⁷⁴, e as multiplica em diferentes textos redigidos paralelamente ao seu *Maquiavel*⁷⁵ – especialmente em *A interpretação da obra de pensamento*, publicado em 1970 no primeiro número da *Nouvelle Revue de Psychanalyse*⁷⁶, em Maquiavel e os jovens,

⁷¹ *The Machiavellians: Defenders of Freedom*, New York, John Day Company, 1943, traduction française : *Les Machiavéliens, défenseurs de la liberté*, Paris, Calmann-Lévy, coll. "Liberté de l'Esprit", 1949.

⁷² Reaparece em. *Les formes de l'histoire*, Gallimard, 1978, pp.168-194.

⁷³ «Machiavel jugé par la tradition classique», *Archives européennes de sociologie*, I-1, 1960, pp.159-169.

⁷⁴ Fayard, 1968.

⁷⁵ Gallimard, 1972.

⁷⁶ Reaparece em. *Les formes de l'histoire*, Gallimard, 1978, pp.141-152.

publicado em 1971 em um volume de homenagem a Raymond Aron⁷⁷ –, suas reflexões, novamente, tanto sobre a política argelina, a guerra dos seis dias, a democracia e a política, ou ainda sobre os intelectuais, carregam a marca de sua leitura de Maquiavel. A interpretação de Lefort dos conflitos foi cada vez menos marcada pela perspectiva marxista da luta de classes, dando lugar à teoria maquiaveliana da luta dos dois humores. Também apareceu, de forma detalhada, em suas reflexões sobre eventos políticos e atores históricos, a teoria do Político, que ele desenvolveu em seus longos comentários sobre *O Príncipe* e depois sobre os *Discorsi*, que só foram publicados em 1972 em seu *Maquiavel*. Esses textos sobre Maquiavel devem ser comparados à transcrição da gravação do primeiro seminário de Lefort na EHESS, *O humanismo florentino, a emergência do Estado moderno e o nascimento da ideologia* (1975-1976). Ali vemos o esboço do livro que ele planejava escrever sobre o humanismo cívico e cujo projeto ele abandonou quando publicou, em 1973, na revista *Textures*, o que deveria ser sua introdução, *O nascimento da ideologia e o humanismo*⁷⁸. Esses textos incentivavam a ler ou reler seu *Maquiavel* não como um bloco separado em sua obra, mas, ao contrário, como o ponto culminante de reflexões longamente amadurecidas, claro, na leitura de Maquiavel e de seus intérpretes, mas também alimentadas por seus compromissos políticos. Esse livro também foi o ponto de partida para novas análises dos fatos políticos e da interpretação de outras "obras de pensamento", como as de La Boétie, Dante e os historiadores-filósofos Tocqueville, Michelet, Quinet, ou ainda Chateaubriand, Ballanche e Guizot, ao longo dos anos 1970-1990.

Pensar na indeterminação

São conhecidos o sentido das polêmicas de Lefort e sua ousadia diante das autoridades intelectuais mais estabelecidas. Seus leitores têm em mente suas críticas às "contradições" de Trotsky (1948)⁷⁹, ao racionalismo de Lévi-Strauss em *A troca e a luta dos homens* (1951)⁸⁰ e, finalmente, às interpretações do marxismo por Sartre (1953)⁸¹. Junte-se a essas

⁷⁷ Reaparece em. *Les formes de l'histoire*, op.cité, pp.153-168.

⁷⁸ *Textures* nº6-7, 1973, reaparece em. *Les formes de l'histoire*, Gallimard, 1978, pp.234-277.

⁷⁹ « La contradiction de Trotsky et le problème révolutionnaire », *Les Temps Modernes*, nº50, 1948, repris in *Éléments d'une critique de la bureaucratie*, op. cité.

⁸⁰ « L'échange et la lutte des hommes », *Les Temps Modernes*, nº60, 1950, repris in *Les formes de l'histoire*, op. cité.

⁸¹ "O marxismo e Sartre" de 1953, ao qual Sartre respondeu "Resposta a Claude Lefort", no mesmo número 89 dos *Temps Modernes*. Lefort enviou do Brasil uma resposta que foi parcialmente publicada no número 104 da revista em julho de 1954.

polêmicas seus debates muito acirrados com Castoriadis na *Socialisme ou Barbarie* sobre a questão da organização revolucionária, *O proletariado e sua direção* (1952) e *Organização e partido* (1958)⁸². Pode-se acrescentar a essas polêmicas várias outras, não menos importantes. A primeira foi com Merleau-Ponty em 1946, quando, muito jovem – ele tinha vinte e dois anos –, criticou em *Jeune Révolution* sua cegueira sobre o papel político dos comunistas. O que impressiona ao reler seus argumentos sem concessões é pensar que Lefort escolheu criticar frontalmente alguém que admirava profundamente e que nem por isso foi poupado. A segunda foi com Georges Gurvitch, quando, a pedido deste, Lefort redigiu uma resenha extremamente rígida de *Determinismos sociais e liberdade humana: rumo ao estudo sociológico dos caminhos da liberdade*⁸³, destacando, sem rodeios, as limitações das propostas de Gurvitch. Devemos também mencionar três debates particularmente interessantes com Pierre Clastres, François Furet e os membros do MAUSS⁸⁴. O primeiro foi um amigo ligado à aventura de *Libre*; o segundo, um homem que ele estimava além das diferenças políticas e com quem animava o Centro de Pesquisas Sociológicas e Políticas Raymond Aron (CESPRA) na EHESS; os terceiros foram novamente próximos, especialmente Alain Caillé, que foi seu assistente em Caen. No entanto, Lefort não hesitou em formular reservas muito claras contra as teses de cada um deles, mesmo tendo elogiado anteriormente seus trabalhos. Seu tom é particularmente interessante em cada um desses momentos. Ele havia destacado claramente a importância da obra de Pierre Clastres, logo após a sua morte, especialmente a precocidade de suas ideias e teses sobre as formas políticas das sociedades ameríndias⁸⁵. Da mesma forma, em 1980, ele escreveu uma resenha elogiosa de *Pensar a Revolução Francesa* de Furet para as *Annales*, ao mesmo tempo em que destacava seu desacordo com a leitura desse historiador sobre *A história da Revolução Francesa de Michelet*⁸⁶. Ele reconheceu ainda a importância dos trabalhos de Alain Caillé – especialmente sua crítica ao utilitarismo nas ciências sociais e sua rejeição tanto do individualismo metodológico de Boudon quanto do estruturalismo de Bourdieu –, quando participou do júri de sua Habilitação para dirigir pesquisas. Nem por isso Lefort hesitou em contrapor certas observações de Hocart às teses de Clastres sobre a indivisão social das "sociedades selvagens". Ele contestou as

⁸² Reaparece em. *Éléments d'une critique de la bureaucratie*, op. cité.

⁸³ P.U.F., 1955.

⁸⁴ O primeiro ocorreu por ocasião de um colóquio em homenagem a Clastres organizado por Miguel Abensour em Sciences Po, em 1982, esse estudo, "Diálogo com Pierre Clastres", foi então retomado por Lefort em Escrever, op. cit., pp.303-335. O segundo está no ponto de partida de A complicação. O último, "Reflexões sobre o projeto político do MAUSS" (1993), foi publicado no boletim do MAUSS e depois republicado em O Tempo presente, op. cit., pp.715-734.

⁸⁵ « Pierre Clastres », *Encyclopedia Universalis, Universalia* 1978, repris in *Le temps présent*, op.cité, pp.383-387.

⁸⁶ *Essais sur le politique XIXº-XXº siècles*, op. cité, pp.110-140.

visões de Furet sobre o comunismo como um fenômeno principalmente "ideológico". Apelou, pelo contrário, para que se discernisse um "fato social total", no sentido maussiano do termo. Finalmente *fez observar a Caillé e aos pares de MAUSS que suas ligações mecânicas entre capitalismo e democracia, assim como suas distinções claras entre "sociabilidade primária e secundária", eram, no mínimo, discutíveis.*

Poderíamos nos concentrar apenas em seu senso e gosto indiscutível pela polêmica, assim como em sua ousadia tranquila e propensão a pouco respeito pelas autoridades estabelecidas. Merleau-Ponty e, mais ainda, Sartre eram figuras intelectuais de primeira linha, assim como Lévi-Strauss. Gurvitch era um dos mandarins da sociologia, e sua resenha, cuja publicação Gurvitch se opôs, custou-lhe o cargo de assistente. Da mesma forma, no colóquio sobre a obra de Clastres, ele foi a única voz discordante, e se pode fazer a mesma observação sobre as páginas que dedica a *O passado de uma ilusão*⁸⁷ de Furet. Decerto, o livro de Furet havia sido atacado por historiadores nostálgicos do comunismo. *Mas que, no seio do CESPRA e, ainda mais, pouco após a morte de Furet, alguém que havia sido próximo dele escolhesse fazer reservas substanciais sobre sua interpretação do fenômeno comunista, não era algo evidente.* O momento, claramente, pedia reverência acrítica.

Se não se pode minimizar esses aspectos, é preciso também não se restringir a eles de forma simplista. Há também um além da polêmica, que é a preocupação em questionar, como ele escreverá a respeito dos direitos humanos e dos processos de desincorporação, sem ter mais um "ponto fixo" e "referências de certeza". Assim, é preciso notar, em primeiro lugar, a sua fidelidade à Merleau-Ponty, para além dessa polêmica. Como vimos, Lefort foi, após a morte deste último, o escrupuloso editor de suas obras. Também não hesitou em defendê-lo vigorosamente quando foi atacado por suas supostas hesitações durante o período da ocupação⁸⁸. Mais interessante ainda me parece a sua introdução à reedição de "Humanismo e Terror", escrita em 1980⁸⁹. Ele começou, é claro, destacando as fraquezas da condenação de "humanismo abstrato" muito convencional de Merleau-Ponty, uma condenação em que vive um processo retórico que mal cobre uma negação das realidades, ou seja, da violência do regime stalinista. Apesar de ter colocado isso, ele destacou como *Humanismo e Terror* continuava sendo um grande livro não "pelos teses

⁸⁷ Robert Laffont & Calmann-Lévy, 1995.

⁸⁸ « Merleau-Ponty en accusation », *Esprit*, octobre 1985, pp.83-86.

⁸⁹ Gallimard 1980, pp.11-38.

enunciadas", mas "pelo debate que mobilizavam, que as abalava e continha as condições de sua superação". E acrescenta: as teses eram "habituatedas pela contradição", "o caminho continuava aberto, cavado pela insatisfação e pela dúvida"⁹⁰. Essas poucas frases – não tenho espaço aqui para seguir passo a passo todas as sutilezas de sua releitura do livro de Merleau-Ponty – parecem-me exemplares de um estilo de leitura e interpretação. Lefort sempre se recusou a aprisionar um autor em algumas declarações abruptas apresentadas como emblemáticas de teses unívocas. Ele escolheu dar lugar às contradições de Merleau-Ponty e, ao fazer isso, convidar a retomar sua maneira de questionar. *Ele não fez outra coisa com Trotsky* nos anos 1980. Lembremos como ele conclui seu estudo sobre "Stalin e o stalinismo", com uma longa citação das últimas linhas do *Stalin* de Trotsky: "O Estado sou eu!" é quase uma fórmula liberal, em comparação com as realidades do regime totalitário de Stalin. Luís XIV só se identificava com o Estado. Os Papas de Roma se identificavam tanto com o Estado quanto com a Igreja – mas apenas durante os períodos de poder temporal. O Estado totalitário vai muito além do cesaropapismo, porque abrange toda a economia de um país. Ao contrário do Rei-Sol, Stalin pode dizer com justiça: "a Sociedade sou eu"⁹¹. A força da declaração de Trotsky é impressionante e ela oferece, em essência, uma análise profunda do totalitarismo. Lefort teve o cuidado de lembrar disso. O que também deve ser notado é que essa visão de Trotsky, para apreender a singularidade e pensar o totalitarismo, já estava presente em seu primeiro ensaio bastante crítico sobre Trotsky, publicado nos *Les Temps Modernes* em 1948. Lefort já opunha, em uma nota de *A Contradição de Trotsky* (1948), essas linhas do último livro de Trotsky à sua "incapacidade" de "ter uma visão da nova sociedade stalinista"⁹².

É nessa mesma medida que podemos avaliar suas relações intelectuais com Castoriadis. Sabe-se que seus desacordos sobre a questão da natureza das organizações revolucionárias não apenas os dividiram, mas levaram Lefort a se retirar do *Socialisme ou Barbarie* em 1958, após a publicação de *Organização e Partido*. No entanto, suas reflexões sobre esses episódios não deixam de manifestar uma preocupação em deixar os debates abertos. Assim, quando republicou, em *Éléments d'une critique de la bureaucratie*, seus dois textos sobre a natureza e o papel do partido revolucionário, ele convidou a lê-los em relação às outras contribuições ao debate sobre essa questão, as de Castoriadis, é claro, mas também a de Anton Pannekoek. Ele ainda indicou como o seu debate com Castoriadis havia implicitamente continuado em *La Brèche* e permanecia uma questão atual⁹³. Da mesma

⁹⁰ Usei para minha citação as falas de Lefort no pretérito, embora ele use o presente.

⁹¹ *L'invention démocratique*, op. cité p.127.

⁹² *Éléments d'une critique de la bureaucratie* op. cité pp.55-56, note 31.

⁹³ *Éléments d'une critique de la bureaucratie* op. cité p.113.

forma, em 1975, em sua entrevista com a redação de *L'anti-mythes*⁹⁴, observou que ele e Castoriadis estavam "ambos parcialmente certos ou parcialmente errados dentro de uma certa lógica" sobre essa questão do partido. Finalmente, em 1996, no filme-entrevista realizado por Marc Ferro⁹⁵, mesmo após sua ruptura definitiva com Castoriadis, ele destacou sem hesitar a sua dúvida e a importância de seu encontro com ele para seu percurso político.

Outro exemplo, além da polêmica, é a exclusão de dois textos muito críticos sobre Sartre – *O marxismo e Sartre* e *Da resposta à questão* – durante a reedição, em 1979, na coleção TEL da Gallimard de *Éléments d'une critique de la bureaucratie*⁹⁶. Em seu prefácio à reedição de *Éléments*, ele lembrou que não tinha "nenhuma reticência" em relação a esses dois ensaios, mas julgou ter melhor formulado suas críticas à interpretação de Sartre do movimento operário e de sua aproximação com os comunistas em dois outros ensaios do mesmo volume: *A experiência proletária* e *O método dos intelectuais progressistas*.

Poderíamos multiplicar os exemplos dessa capacidade de Lefort de retomar questões surgidas de um debate político ou da leitura de uma obra de pensamento com uma nova perspectiva. Um último exemplo é sua relação com Marx. Seus dois textos sobre educação, redigidos logo após 1968, são emblemáticos. Lefort publicou vários textos, incluindo conferências destinadas ao Centro de Estudos Socialistas, onde destacou os problemas das muitas referências ao marxismo tanto no mundo dos sociólogos, especialmente em Wright Mills, quanto nos políticos. Ele notou particularmente sua ausência de "concepção geral da realidade social"⁹⁷. Por outro lado, analisando as transformações do sistema educacional, ele recoloca de maneira muito marxiana esse sistema nas transformações do capitalismo e sua burocratização. Ao fazer isso, é importante notar que ele também considerou as observações de Bourdieu e Passeron sobre as desigualdades escolares, mas viu um pouco além, destacando como as transformações do sistema educacional e das relações de autoridade dentro dele participavam de transformações mais gerais do capitalismo. Seus últimos textos sobre as relações entre liberalismo e democracia testemunham novamente essa capacidade, tirada de Marx, de pensar uma formação social

⁹⁴ *Le temps présent*, op. cité, pp.223-260.

⁹⁵ *Pensée politique et histoire : entretien avec Claude Lefort*. Claude Habib, Pierre Pachet, Pierre Manent et Claude Mouchard, Film réalisé par Marc Ferro, EHESS, 1996; disponible sur: <https://www.canal-u.tv/chaines/ehess/pensee-politique-et-histoire-entretien-avec-claude-lefort>.

⁹⁶ Esses dois foram publicados nos *Temps Modernes* foram retomados na primeira edição de *Elementos de uma crítica da burocracia* publicada pela Droz em 1971.

⁹⁷ « La dégradation idéologique du marxisme », in *Éléments d'une critique de la bureaucratie* op. cité p.317.

e não apenas seus diferentes campos como entidades separadas, mas de ligar diferentes momentos da experiência social.

Um mestre sem discípulos

Essa questão da centralidade da indeterminação na obra de Lefort deve nos levar a questionar as relações que podemos estabelecer com sua obra ou com a lembrança de sua pessoa, para aqueles mais velhos que o conheceram como professor e, alguns, como amigo. Alguns, medindo com razão suas dívidas intelectuais a Lefort, não apenas o veem como uma figura de mestre, mas se consideram seus discípulos. Estão livres para tal, mas parece-me que isso é um equívoco em relação aos seus ensinamentos e declarações muito explícitas sobre o assunto. Vejamos novamente o filme realizado por Marc Ferro em 1996 ou leiamos o livreto onde essa longa discussão foi transcrita⁹⁸. Pierre Manent lhe disse durante uma troca sobre as relações de igualdade e a contestação das hierarquias consubstanciais ao mundo democrático que ele próprio havia aceitado, em seu encontro com Merleau-Ponty, fazer "a experiência de uma diferença, de uma autoridade, de algo ao qual ele necessariamente se referia". Lefort respondeu que, quando jovem, ele teria "afastado ou até rejeitado o termo mestre", mas há muito tempo ele teve a oportunidade de dizer que Merleau-Ponty era "seu mestre". Mas ele fez imediatamente duas precisões importantes: Merleau-Ponty "não ocupava; não procurava ocupar o lugar de mestre. (...) Em outras palavras, ele dava a quem o ouvia a liberdade de se relacionar com seu próprio passado, seu legado. Em outras palavras, ele não nos encerrava em uma relação dual". Lefort acrescentou que, se isso tivesse acontecido, nunca teria aceitado tal relação. Última precisão, não menos importante: Merleau-Ponty foi aquele "que lhe deu a liberdade de ser ele mesmo". Ele lhe deu uma "iniciação". Lefort observou finalmente de forma muito singular nessa mesma entrevista que essa dependência nunca havia sido rompida. "Toda vez que releio seus livros, tenho a impressão de ter algo novo a dizer a partir dele". Parece-me que, para aqueles que seguiram seus ensinamentos ou trabalharam sob sua direção, essas palavras só podem nos lembrar nossa própria experiência de contato com ele. Lefort podia ser exigente, às vezes até severo. Não hesitava em criticar seu interlocutor. Assumia uma posição de domínio, marcava seu desacordo, mas nunca exigia subserviência.

⁹⁸ A transcrição das trocas que ocorreram durante essa entrevista em vídeo foi retomada em *Le temps présent*, op. cit., pp.833-867. Releia especialmente as três últimas páginas dessa entrevista.

Buscava, ainda menos, ter uma multidão de discípulos ou herdeiros devotos, o que não o impedia de ter uma certa ideia do valor de sua obra.

Outro ensinamento que podemos tirar de sua leitura é essa exigência de liberdade intelectual e distanciamento da doxa em voga, que ele elogiou em várias ocasiões. Dois exemplos me parecem reveladores de sua maneira de se relacionar com os outros e de assumir a necessidade de pensar cada vez com uma nova perspectiva. O primeiro foi seu apelo, em sua reflexão sobre seu status de filósofo⁹⁹, para definir um status "abaixo de si mesmo", seu status de professor, ao mesmo tempo que ousava se definir por um "acima de si mesmo", ser filósofo. Ou seja, para retomar suas palavras, "carregando-se de uma ambição desmedida. Reivindicar uma interrogação que se emancipa não mais da autoridade da religião, mas das ciências, especialmente das ciências humanas, querer dar sentido ao que de todos os lados é denunciado como quimérico e ultrapassado, isso faz perder a modéstia da inspiração inicial e força a inflar a voz"¹⁰⁰. O segundo exemplo a ser considerado foi o comentário que fez sobre a ação dos intelectuais poloneses membros do KOR – o Comitê de Defesa dos Trabalhadores – e próximos ao Solidarność. Ele primeiramente saudou o fato de que esses intelectuais souberam se libertar do que Hannah Arendt justamente chamou de "feitiço da compaixão". Nunca procuraram se aproximar da classe operária para se livrar de sua culpa e, ao fazer isso, souberam escapar da "transformação de sua compaixão em um meio de servir a uma causa e um dogma". Melhor ainda, "a solidariedade que se formou não impediu de falar em nome das exigências intelectuais"¹⁰¹.

Concluindo, se é importante lê-lo, bem como editar seus textos inéditos ou que ele próprio deixou de lado ao compor suas coletâneas de ensaios, é para continuar com ele uma relação como aquela que ele instituiu com Merleau-Ponty: alcançar ser você mesmo sem ser interrompido por uma figura de mestre que delimita os horizontes do pensável e do agir.

⁹⁹ « Philosophe » in *Écrire*, op. cité, pp.337-355.

¹⁰⁰ « Philosophe », op. cité, p. 339.

¹⁰¹ « Questions à Alexander Smolar », Solidarité résiste et signe. Colloque polonais, Nouvelle cité, Paris 1984, pp.152-156. N.B. Eu modifiquei, por razões de concordância dos tempos, a última citação das falas de Lefort, colocando-as no pretérito imperfeito, enquanto ele usava o presente.